



UM CARINHOSO AMPARO

(Desenho de Ferreira da Costa).

II série — N.º 512

Assinatura para Portugal,
colónias portuguesas
e Hespanha: { Trimestre 1\$20 ctv.
Semestre 2\$40 ..
Ano 4\$80 ..
Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 13 de Dezembro de 1915

Bispector: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAYES

**REMINGTON
UMC**

Rifle de Repetição Calibre .22 A Arma Ideal Para Caçar



Um rifle de repetição calibre .22 ocasionar-lhes-ha grande prazer quando em busca da caça meuda. O atirador preocupar-se-ha unicamente em ver a exactidão do rifle que comprar, e que a potencia do cartucho que ella póde disparar não evite o exito do tiro.

Peça para ver a nova arma repetidora REMINGTON-UMC calibre .22 para uso dos potentes cartuchos calibre .22 comprido rifle, assim como tambem .22 curto e .22 comprido.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Neuva-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Manáos

Agente em Foz de Gueira: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.

REMEDIO FRANCES



Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 25, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com: rando 2 Frascos.



Grande marca franceza

CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON.**

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg **PARIS 10^e**
Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellerei os.

Desconfiar das Imitações.

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlanala e Sobreirinho (Tomar). Penedo e Casal d'Hermio (Lousã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de

escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA: 270, R. da Princesa, 276 — PORTO: 49, R. de Passos Manuel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado

Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117

Lêr na quinta-feira proxima o

Seculo Comico

Preço 1 centavo

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

M OZAIICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEFONE 1244 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 512

13-12-1915

Stuart Merrill

Depois de Hervieu, — Stuart Merrill. Depois do grande mestre da tragédia moderna, — o lírico sumptuoso cujos poemas, pesados e resplandecentes, fulgiam como brocados d'ouro. A França está perdendo, n'estes dias amargos de incerteza e de angústia, as supremas mentalidades que eram a



sua força e a sua glória. N'um paiz em guerra, não são só as balas que matam. O poeta admiravel dos «Fastes», como o dramaturgo eminente da «Loi de L'homme», succumbiram á dôr da França devastada, — a mesma dôr que prostrou Me-

zières e que fulminou Lemaître. Vão caindo, varejados da tempestade, os primeiros rouxinoes. Merrill, que com Jean Moréas, Laurent Tailhade, Rodenbach, Haraucourt, Mériot, Georges Bal, suspendeu sobre a alma encantada do mundo latino a névoa d'ouro da Beleza vaga e eterna, — morre quando o culto d'essa mesma Beleza, julgada imortal, desaparece como um farrapo inútil.

Imperialismo

As fórmulas do imperialismo, no início da conflagração européa, eram terminantes e simples. «A America para os yankees», — proclamavam os Estados-Unidos. «A Asia para os japonezes», — exigia o Japão. E a Alemanha, e a Inglaterra, fieis á sua politica absorvente de imperialismo comercial, reclamavam simultaneamente, no mesmo admiravel accordo que fez do inglez Houston Cham-



berlain o patriarca do pan-germanismo: «o mercado do mundo para mim». E' esta identidade de fórmulas que está produzindo todos os horrores da conflagração européa. A guerra é, essencialmente, — dil-o com muita felicidade Alfredo Pimenta n'uma das suas ultimas

conferencias —, um duelo de interesses «entre a Inglaterra, nação velha que quer manter-se, e a Alemanha, nação nova que quer impôr-se». Esse duelo terminará quando uma d'elas tiver esmagado a outra? Não. Ha de terminar quando ambas tiverem esmagado, sob as suas patas de ferro, meia dúzia de pequenas nações sacrificadas.

A policia

Ha tempo que a policia, mercê de várias cir-

cumstâncias, é uma instituição diminuida no seu prestigio e na sua força. Quer isto dizer que, como corporação, não mereça todas as considerações? De modo nenhum. Semelhante enfraquecimento no prestigio das instituições policiaes é o resultado, apenas, da dissolução do principio de ordem, consequência proxima e inevitavel de todos os movimentos revolucionarios. A policia de Lisbôa é fraca



porque a enfraqueceram, e seria quasi simpatica se se mantivesse, com serenidade e com moderação, na atitude que as circunstancias lhe impõem. Não succede, porém,

assim. A policia, extremamente cautelosa na perseguição dos fortes, — entretem-se, para justificação da sua existência, a perseguir os fracos. O caso d'essa pobre velhinha, octogenária e inofensiva, presa por vender flôres á porta da igreja do Loreto e atirada, sem respeito pela sua velhice, para uma sala infecta do Aljube, — indigna e revolta.

Ricardo Jorge

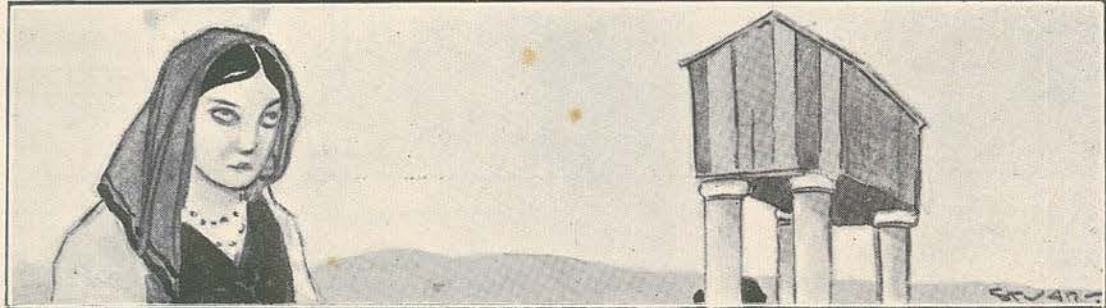
Acabo de receber do eminente professor o seu estudo sobre Ramalho Ortigão. Renovo o registro bibliográfico das minhas «Cronicas», para saudar n'este prosador admiravel o herdeiro legitimo da vernaculidade, da veemencia, do esplendor camiliano. De vez em quando, Ricardo Jorge dá-

nos, generosamente, uma obra-prima. Ainda hontem, o trabalho monumental sobre o «Greco», a página talvez de mais sábia e fulgurante critica que se tem escrito ácerca da pintura de Domenico Theotocópuli; ha pouco ainda, a magnifica monografia sobre Rodrigues Lobo: já hoje o estudo soberbo d'onde resalta viva, serena, pitoresca, formidavel, ing'leza pelos hábitos, fran-
ceza pelo espirito, portugueza pelo coração, a figura imortal de Ramalho. A'manhã, alguem dirá com justiça do autor de «El Greco», o que, com justiça, Ricardo Jorge disse do autor das «Farpas»: «A pégada d'este homem fica calcada em bronze».



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Guslav).



A CARTA DE LUTO

(Diário de um caçador)

Era ao Suajo que devíamos voltar a caçar em novembro. Ficára ajustado na caçada do ano passado a esse Minho admirável pelo pitoresco da sua terra e dos seus costumes, embalado nas mais genuínas tradições portuguesas. Mesmo que se ande um dia inteiro carregado de espingarda e de bolsa, com os cães a zigzaguearem-nos na frente, a princípio sofregos e depois aborrecidos, sem rastejarem pelo nem pena, ninguém dá por mal empregados uns kilometros a pé por aquelas intermináveis serranias. E' talvez a única região do paiz em que o caçador se converte em «touriste», á falta de caça, sem juras nem pragas que escandalisem a memoria do seu piedoso patrono Santo Humberto.

Uns foram ficar a Monsão e seguiram de madrugada para Aboim das Choças; eu fui de Braga pernoitar aos Arcos, devendo seguir á mesma hora matinal por S. Pedro de Sá, onde ia abraçar um amigo que mandava um creado com um cavalo esperar-me á estrada. A batida devia começar de Louredo em direção ao Sistelo. De Sá continuei a cavalo por ahi fóra, porque a distancia ainda é grande e aspero o piso da serra. O dia devia ser lindo, como foi; mas a manhã estava frigidissima; a neve caía aos farrapinhos tenues como filamentos de sumatúma a esvoaçarem n'uma atmosfera serena das caniculares.

De vez em quando parava a vêr se descobria os meus companheiros; mas a serra ia-se desdobrando em planos desolados e pedregosos, e eu não os via, nem sentia o éco de um tiro sequer. Levavam-me certamente uma grande dianteira. Mas nem por isso me apressei. Absorvia-me o Vez, que, lá baixo, ao fundo de ribanceiras orladas de deliciosas arvores, pulverisadas de branco, cachoava com as primeiras enxurradas do inverno. Nem eu me lembrava de caça, apesar das pancadas ritmicas que, com o chouto do cavalo, me dava nas costas a espingarda levada a tiracolo. Até a cadela tinha-se alargado sem eu dar por isso. O meu guia, com a vista aguda e exercitada de um bom serrano, chama-me a atenção para o animal parado além, na encosta, sobre a nossa direita, ventre cosido com a terra e focinho muito estendido.

Certamente alguma perdiz. Apeei-me. O guia pegou nas redeas. Caminhei para a cadela. A geada crepitava, sob as solas das botas protegidas de cerdas, com os estalidos secos de agulhas de pinhei-

ro torrificadas pelo sol de verão. Mandeí a cadela romper. Com o indice meio regelado não premi o gatilho a tempo. O tiro só partiu quando as aves dobravam para além de uma espinhaço de fragas. Errára certamente a pontaria. Ainda assim, galguei atraz da cadela que enfiou pela aberta de duas pedras e pôz-se a soltar latidos de uma inflexão estranha, penetrantes como uivos de dôr! Avancei. Por detraz d'essas pedras estava caída uma mulher, uma mulher nova, que me deu logo a impressão de ser bonita e esbelta, tendo ainda a cabeça e meio tronco sobre uma lágea oblíqua, d'onde resvalára visivelmente o resto do coipo.

—Matei-a!... exclamei eu apavorado, n'um aranco de dôr que nunca mais poderei esquecer.

Não sei quanto tempo estive fóra de mim, preso de uma insanía bestificante, sem acordo algum de semelhante situação. Como eu tardava a aparecer, resolveu-se o guia a vir ter comigo. Ficou tambem mudo e livido perante aquele quadro aterrador.

—Mas como poderia eu tel-a morto se, até dar ao gatilho, não vi a menor sombra humana deante da mira?!

Voltou-me a coragem com este primeiro raciocinio. Curvei-me para a creatura.

—Seriam os outros caçadores que a feriram? Não; nenhum d'eles era homem para fugir a essa responsabilidade, abandonando a pobre vitima sem socorro!

O pulso batia-lhe fraco e fundo; mas batia o suficiente para me aliviar do susto que me causaram as suas mãos geladas. Na cabeça e no belo rosto, visivelmente tranzido, não havia o menor vestígio de sangue. Com a mão tremula de quem, mesmo no meio de uma aflição, não esquece o recato que a mulher tanto prêsá, despreguei-lhe o chale, desapertei-lhe o corpete e compuz tudo rapidamente, apenas tive a certeza de que ela tambem não estava ferida no corpo. Os pés tinham o arroxeadado das mãos e dos labios. Toda ela estava regelada. Respirei! O guia, que assistia mudo a todo este exame, findo ele, disse-me como se respondesse á interrogação de algum olhar meu:

—E' a filha do João da Carreira. Coitada! Naturalmente, á volta da vila, anoiteceu-lhe por aqui e o frio da noite matou-a.

Tomei do cantil, em que trazia cognac. Tratámos de friccional-a fortemente nos pés, nas

mãos, pulsos e fontes. Cheguei-lhe aos lábios a ponta de um lenço ensoado n'esse liquido providencial. A rapariga deu sinais de começar a reanimar-se, não tardando que as palpebras se descerassem e os seus grandes olhos me fitassem com desconfiança, tranquilizando-se depois ao reparar no guia que era, visivelmente, para ela pessoa conhecida.

Pouco mais teria de 20 anos. Não realisava certamente o tipo desenxovalhado da mulher do Minho, robusta, de fôrmas acentuadas, crestada ao tempo mordente d'aquelas altitudes; pelo contrario, tinha o corpo um tanto franzino, as fôrmas suaves, senão um pouco indecisas, e a tez clara que se ia rosando, á medida que voltavam as forças, como um pedaço de ceu desmaiado pela alva se ruborisa aos atagos dos primeiros raios do nascente.

Eu mal queria acreditar n'aquela especie de resurreição, e não despregava os olhos da minhota, que ha pouco me fôra causa do mais estranho terror e agora tinha para mim todo o enlevo de uma

que lhe alegrava o granito sombrio das paredes. Duas creaturas ainda eram muita gente para uma casa, quando tantas outras por esse norte estavam, com o exodo de familias para o Brazil, fechadas como tumulos, revestidas de musgos e de silvas!

Anciosa por noticias do seu doente, fôra na vespera, de tarde, á vila vêr se tinha chegado o correio do Brazil. Havia aquela carta para a mãe. Quando a recebeu e reparou na tarja preta, soltou o grito de uma alma que se despedaça. Se não a amparassem, caía redonda no chão. Não sabia ler, e não quiz que lhe lessem a carta. Escusava de assoalhar ainda mais a sua dôr. Demais, já presentia o que ela lhe trazia:— a morte do seu noivo! Por fim, meteu-se a caminho de casa. Era já tardinha quando se deixou abater, mais desalentada de espirito do que extenuada de corpo, no sitio em que a encontrámos. Tirára outra vez a carta e quedára-se tempos esquecidos a olhar para ela por entre lagrimas, deixando-se ganhar de uma prostração profunda. Sobreveiu a noite com uma camada fortissima de geada e a triste da Maria do Carmo ali ficou, ao abandono, como morta, inteiriçada de frio.

Ofereci-lhe uns biscoitos que levava no bernal e, á falta de copo, fil-a beber pela tampinha do cantil um golo de cognac, seguido de uma carêta deliciosa. E quiz logo pôr-se a caminho. A mãe, embora ela ficasse ás vezes na vila em casa de uma tia, devia estar ralada de cuidados. Aos primeiros passos deu-se uma nova crise de lagrimas, sem que eu e o guia tambem pudessemos reprimir duas. Pedi-me que lhe lesse a carta. Esquivei-me o melhor que pude, resolvendo acompanhá-la ao logarejo com receio de que ficasse outra vez pelo caminho.

Caminhámos todos tres; o guia um pouco atraz, com o cavallo pelas redeas. Maria do Carmo não ia disposta a conversar. Eu tambem não sabia o que dizer-lhe, não lhe fosse a dôr trasbordar da alma em nova onda aflitiva. Chamei-lhe a atenção para o efeito prodigioso dos raios do sol que trespassavam o nevceiro espesso e algido, estirando-se como holofotes monstruosos pela lomba da serra, fazendo-a flamejar em tons fantasticos. Falei-lhe do meu entusiasmo por aqueles aspetos soberbamente selvagens que se desenrolavam deante de nós; fazia-lhe perguntas; emfim, procurava distrair-a um pouco, mas apenas conseguia arrancar-lhe uns monosilabos indiferentes.

Entretanto aproximavamo-nos do pequeno casal. A mãe da Maria do Carmo, mal a avistou, correu-lhe ao encontro e pouco vacilou, ao vê-la acompanhada de dois homens. As duas mulheres lançaram-se nos braços uma da outra e conservaram-se muito tempo unidas como se instintivamente se quizessem amparar contra uma desgraça iminente. Serenadas um pouco, a filha explicou a



creação adoravel de romance. Foi ela quem me tirou d'esta attitude, talvez mais parva do que contemplativa, soerguendo-se, como ao regresso de uma idéa aguilhoante, para apanhar uma algibeira postíça que estava no chão entreaberta, e da qual saía a cruz e parte d'um rosario, as pontas de um lenço de côr, uma meada de alamar, vendo-se tambem caída ao pé uma carta largamente tarjada de luto. Arrecadou pressurosamente todos os objetos e conservou a carta na mão, remirando-a de um lado e outro. Depois desatou n'um choro convulsivo, que nem eu nem o guia fizemos sequer tentativas para acalmar. Estavamos, sem duvida, em face de uma d'essas grandes dôres, cujo balsamo se encontra só nas lagrimas. Deixal-a chorar!

A pobre Maria do Carmo tinha o noivo em Mañós. As ultimas noticias davam-no muito doente, sem esperanças sequer de cura. O rapaz trabalhava na mesma fazenda em que trabalhavam o pae e um irmão de Maria. Esta ficára só com a mãe na sua casinha, desgarrada do logar uns dois tiros de chumbo, mas toda afestoadada de verdura

sua demora, a horrível apreensão de que o noivo lhe morrera e a nossa presença ali.

A mãe pegou então resolutamente na carta e pediu-me que a lesse. Abria-a com mão febril; não pelo interesse, já um pouco perdido, do que ela naturalmente continha, mas pela impaciência de pôr ponto a este capítulo de emoções, que não eram positivamente as que eu ia buscar ao Suajo de espingarda ao hombro,

Comecei a leitura a titubear, porque as letras baralhavam-se-me nos olhos na ansia de espreitar também os reflexos que no rosto de Maria do Carmo iam prenunciando o que teria de aniquilador o estalar da má nova. A carta era do pae da rapariga para a mãe. Depois das frases sacramentaes, invariaveis e comuns, com que todos os secretarios de colonos e creados analphabetos enchem quasi uma lauda, li o seguinte sem mais preambulo:

«Sou a participar-te uma grande desgraça. O nosso João ficou entalado n'um engenho d'assucar e em menos de uma semana, coitadinho, acabou de penar».

— O meu filho!... Pois foi o meu rico filho que morreu?!... Morto!... Morto!...

E a desventurada mulher, que parecia tão cheia de coragem para consolar a filha da morte do noivo, caiu como que fulminada sobre uma arca que estava na casa de fóra, onde nos recebera. Ninguém quiz saber do resto da carta que eu depuz, comovido, aos pés de um Cristo, sobre uma mesinha de pinho, coberta com um desprezencioso pano de «crochet».

Observei Maria do Carmo com a rapidez que me permitiu aquele doloroso lance. Que transformação se lhe operára no rosto! A superficie da agua encrespada não se alisa mais depressa com a quebra da tormenta do que ele se desenrugou.

O desespero e a aflicção haviam-se-lhe diluido como por encanto n'um mar de lagrimas serenas. Inverteram-se os papeis! Sentia-se agora que era *ela* que ia falar de resignação á mãe, aniquilada pela mais acerba das dores!

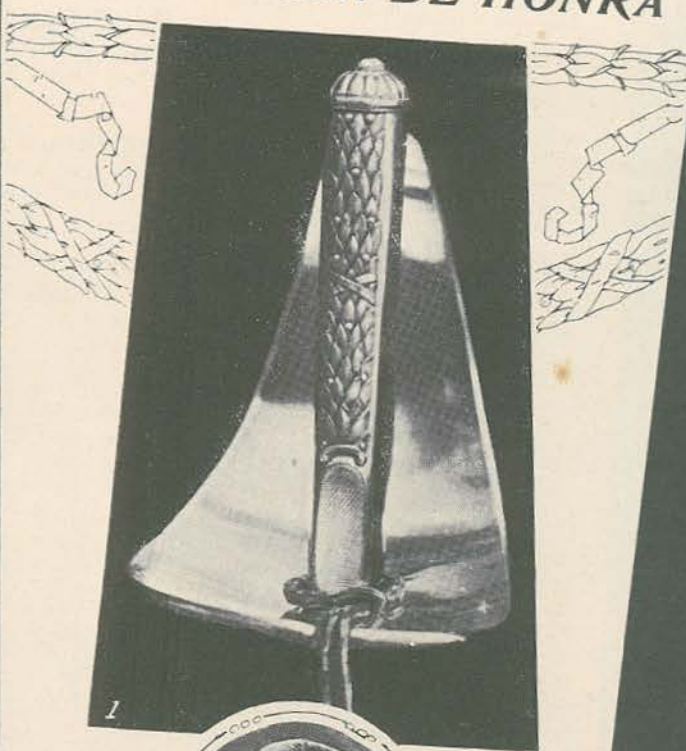
N'isto, a casa começou a encher-se de visinhos e eu aproveitei o barulho da gente para sair. Fal-



tava-me o ar, la confundido e esmagado por mais este problema do coração humano, que tão brutalmente me caíra deante dos olhos.

FLOREANO.

UMA ESPADA DE HONRA



O tenente sr. Francisco Xavier da Cunha Aragão

Alguns camaradas e amigos do heroico tenente sr. Francisco Xavier da Cunha Aragão, tendo á frente o sr. João Ferreira Martins, illustre inspetor de fazenda em Huilla, abriram uma subscrição para lhe oferecerem uma espada de honra, confiando ao *Seculo* o encargo de a mandar fazer. Escolheu o *Seculo* para executal-a a acreditada casa Leitão & Irmão, que produziu uma primorosa obra d'arte, que esteve em exposição no salão da *Ilustração Portuguesa*, exposição que teve como primeiros visitantes os srs. Presidente da Republica, presidente do ministerio, ministros dos estrangeiros e da guerra e o sr. ministro da França que elogiaram muito esse trabalho artistico e a idéa de tal homenagem. E' uma bela lamina de Toledo, com copos e bainha de prata, punho de marfim e um emblema nos copos. Nas duas faces da lamina tem a ouro a inscrição que se pode ler na gravura.

HOMENAGEM DE ADMIRACAO PELOS DISTINGUIDOS SERVIDORES DA TERRA DE DEFEZA DO EVAJE E NO COMBATE DE NAUILLIA EM 18-12-91

AD TENENTE DE CAVALLARIA, COMANDANTE DE F. ESQUADRA DE DIABOES FRANCISCO XAVIER DA CUNHA ARAGAO EM NAUILLIA HUILLA 18-12-91 OS SEUS AMIGOS E CAMARADAS



1. Os copos da espada.—2. Uma face da lamina da espada.—3. Outra face da lamina da espada.
4. A espada.

(Clichés Vasques).

Para os hospitaes francezes



Das seis grandes remessas de roupas de cama e de vestir, agasalhos, pensos, etc., que o «Seculo» tem conseguido obter com o produto da sua subscrição, quatro, incluindo esta para os hospitaes de França e duas para as nossas tropas em Africa, e que estiveram em exposição no salão da «Illustração Portugueza», é esta, sem duvida, a mais importante por constar de coberto.es, mantas,

ceroulas e camisas de flanela de lã e d'algodão, meias de lã, coletes de malha, tudo n'um total de 4.000 peças.

Uma das primeiras visitas á exposição foi a de mr. E. Daesehener, illustre ministro da França e sua esposa, que ficaram encantados com a qualidade e quantidade dos objetos.

Tambem a visitaram os srs. presidente da Republica, presidente do ministerio, sr. dr. Afonso Costa, ministro dos estrangeiros, sr. dr. Augusto Soares, e ministro da guerra, sr. Norton de Matos, sendo todos unanimes em elogiar a obra patriótica do «Seculo» e o espito humanitario dos seus leitores que tão generosa e expontaneamente teem contribuido para a realisação brilhante d'essa obra.

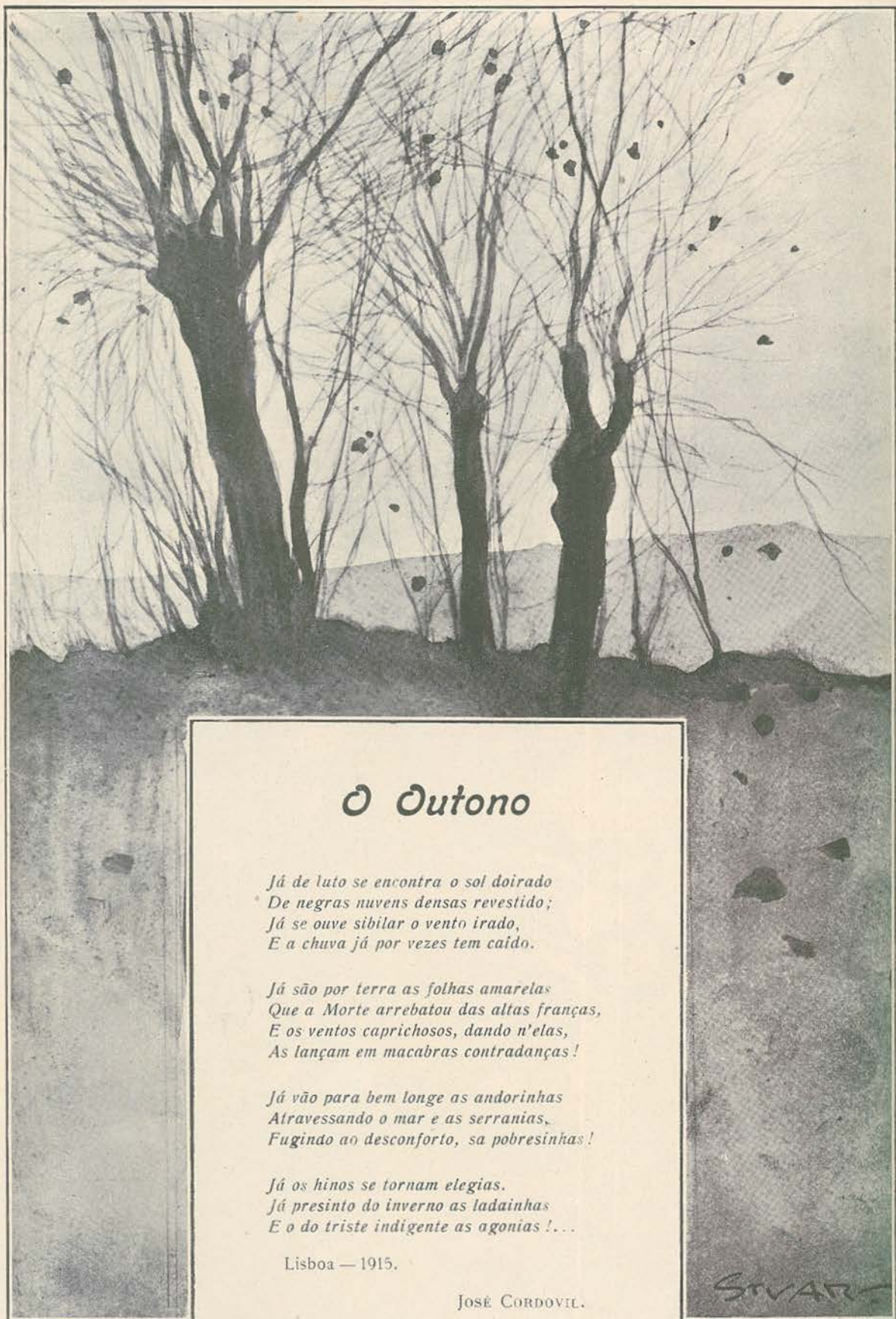
O numerozo publico que examinou os objetos expostos mostrava-se visivelmente satisfeito com a profusão das suas côres, a excelencia dos tecidos e o bom acabamento.



Diversos aspetos dos artigos expostos para os feridos da guerra—(Clíchés Benoiel)



No salão da Ilustração Portuguesa:—Ao centro os srs. Presidente da Republica, tendo á sua direita os srs. José da Silva Graça, sub-diretor do *Seculo*, dr. Afonso Costa, presidente do ministerio e o seu secretario sr. Antonio Tudela, e á esquerda os srs. dr. Augusto Soares, mjeistro dos estrangeiros, Barreto da Cruz, secretario da Presidencia da Republica, Norton de Matos, ministro da guerra e o seu ajudante, sr. Florentino Martins.—(Cliché Benojel).



O Outono

*Já de luto se encontra o sol doirado
De negras nuvens densas revestido;
Já se ouve sibilar o vento irado,
E a chuva já por vezes tem caído.*

*Já são por terra as folhas amarelas
Que a Morte arrebatou das altas franças,
E os ventos caprichosos, dando n'elas,
As lançam em macabras contradanças!*

*Já vão para bem longe as andorinhas
Atravessando o mar e as serranias,
Fugindo ao desconforto, sa pobresinhas!*

*Já os hinos se tornam elegias,
Já presinto do inverno as ladainhas
E o do triste indigente as agonias!...*

Lisboa — 1915.

JOSÉ CORDOVIL.

STVAR

UMA LINDA DANÇARINA



MARGARET MORRIS

(Cliché The Tatter).

A celebre e bela dançarina Margaret Morris, discipula de Raymundo, irmão de Izadora Ducnan, inaugurou em Chelsea um pequeno teatro de dança que está fazendo um extraordinario sucesso.

O VELHO MUNDO EM GUERRA

A Grecia sempre, e sempre a Grecia! Apesar das palavras de confiança pronunciadas pelo sr. Sonnino na camara dos deputados e da entrevista do sr. Denys Cochin publicada no «*Matin*», na qual afirma estar convencido de que nada ha a receiar da attitude da Grecia, parece que as hesitações d'esta continuam. O enviado do governo francez declarou até que o rei Constantino lhe déra a sua palavra de honra de que julgava extraordinario que puzessem em duvida a attitude do seu paiz.



A rainha Sofia da Grecia com o uniforme alemão.



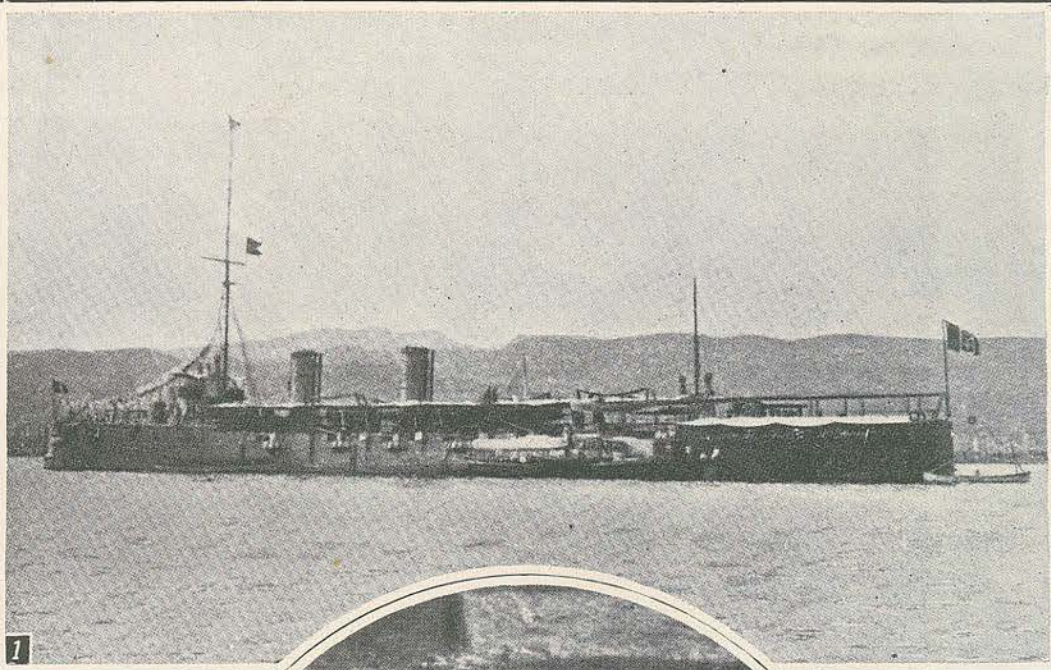
O rei Constantino da Grecia com o uniforme alemão.

Por outro lado, o correspondente do «*Daily News*» em Atenas comunica como cousa segura para o seu jornal que a Grecia informou os aliados de que não podia assegurar a vigilancia das costas gregas, depois da evacuação de Salonica pelas suas tropas. Predeu-se com isto, ao que parece, novas ameaças dos governos alemão e austriaco quanto á occupação do territorio grego na Macedonia.

E' possivel que a Grecia volte mais uma vez a titubear; mas a opinião dos srs. Sonnino e Cochin tem factos importantes a



Habitções provisórias que fazem os servios foragidos das suas terras



sustentam-se. Entretanto, segundo o «Eco de Paris» em vista da atitude da Grecia que novamente se pronuncia, os aliados restabeleceram as restrições que haviam imposto ao commercio grego o mez passado e que depois haviam suspenso por se terem dissipado suspeitas que



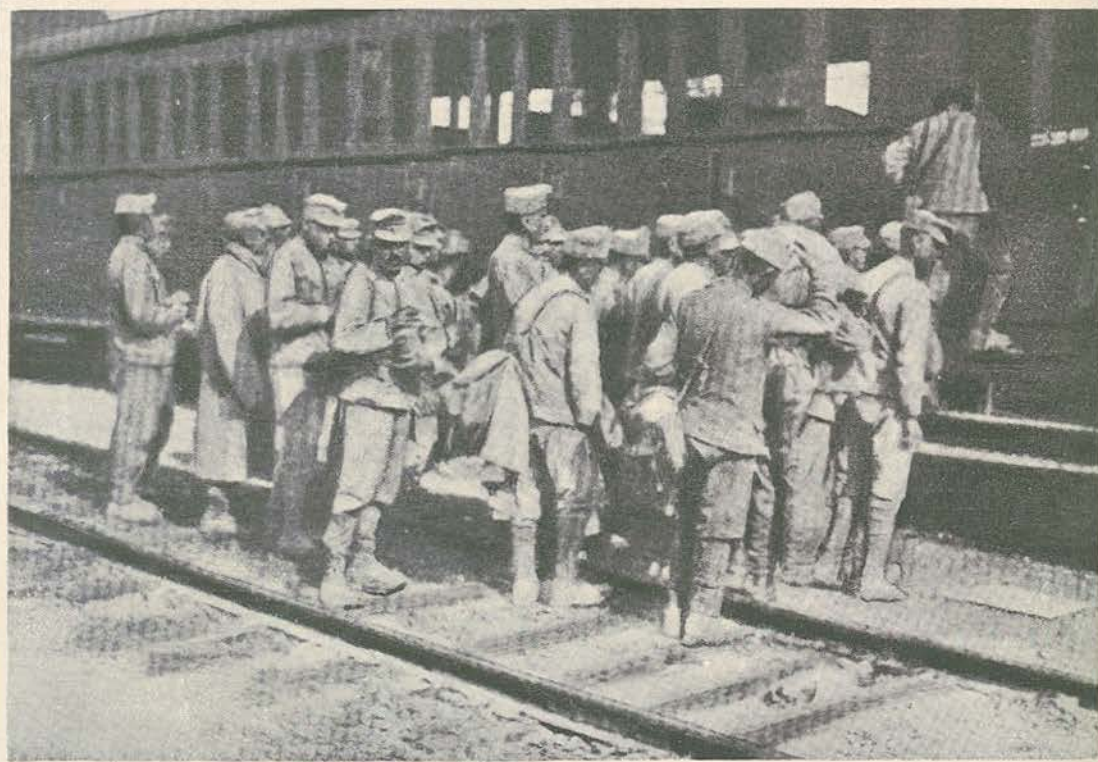
voltam agora. Calcula-se, pois, o interesse com que é esperada a resposta definitiva e formal do governo helenico, que não se poderá subtrair ás consequências dos principios por ele aceites na sua primeira resposta conforme claramente consta da respectiva nota.



1. O cruzador italiano *Piemonte* que bombardeou Dede-Agach. — 2. Como ficou reduzido pela artilharia italiana o forte austriaco La Corte, no sector Col di Lana. — 3. O porto bulgaro de Dede-Agach que foi bombardeado pelo cruzador italiano *Piemonte* a 11 de novembro.



Uma coluna de austríacos aprisionados pelos italianos no Carso

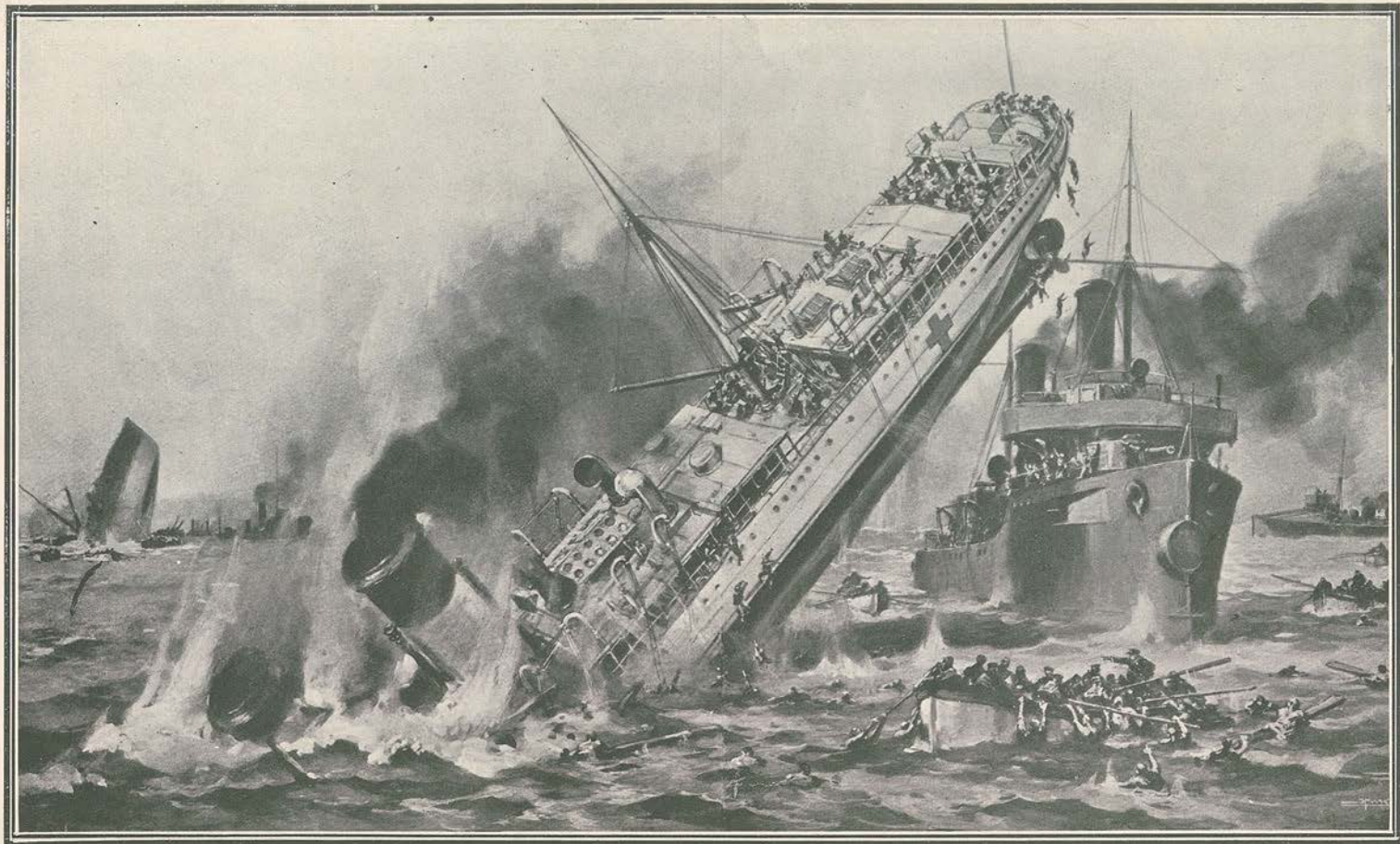


Prisioneiros austríacos embarcando n'uma estação de caminho de ferro italiana para serem internados



Na Servia.—1. Hospital fundado por Lady Ralph Paget nos arredores de Monastir, onde são tratados tanto os soldados servios como os austriacos. (Fotografia tirada no hospital).—2. Um comboio de soldados servios que, curados, voltam para a frente da batalha nos arredores de Prilep.

(Clichés M. Branger)



O vapor *Patrol* bate com tal força na pópa do *Aregtia*, que este mergulha de prôa e o outro passa-lhe por debaixo da parte que fica fóra d'agua



O rei d'Italia Duque d'Aosta

O estado maior itajjano observando o campo de batalha durante uma energica ofensiva

MANEIRA DE ARRANJAR RECRUTAS

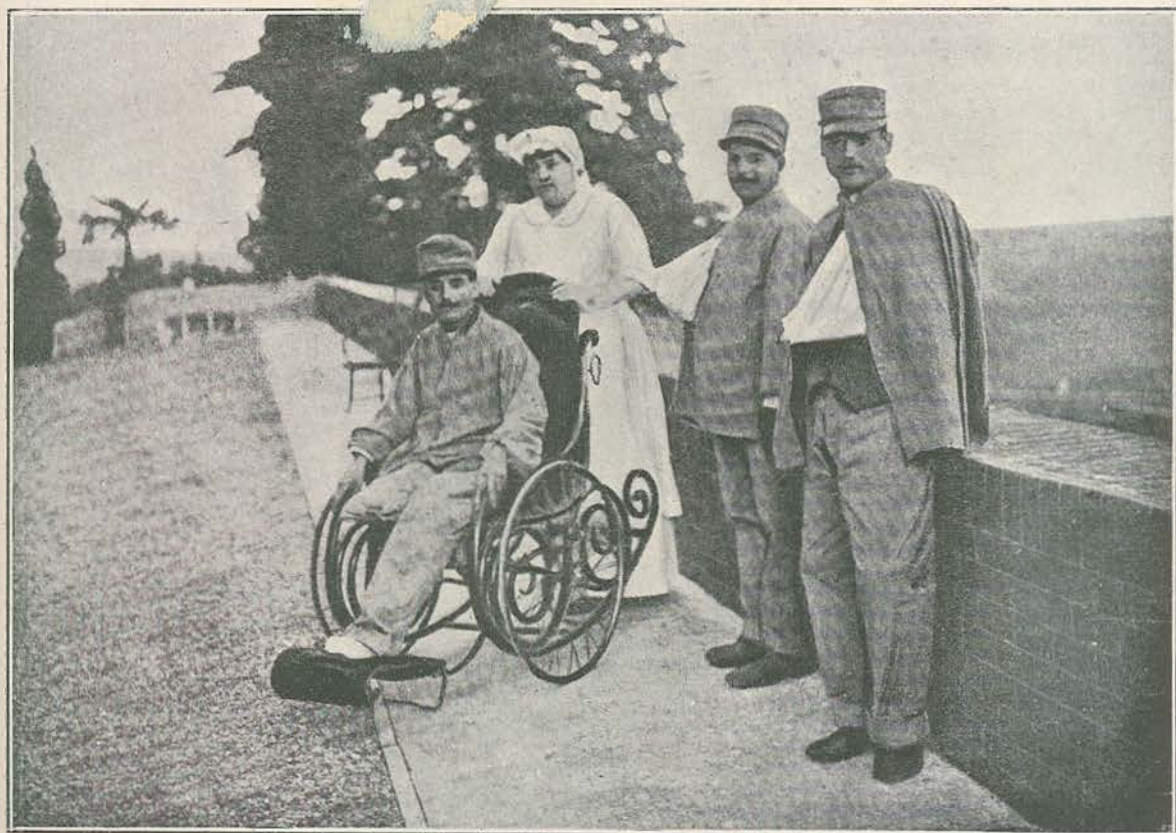
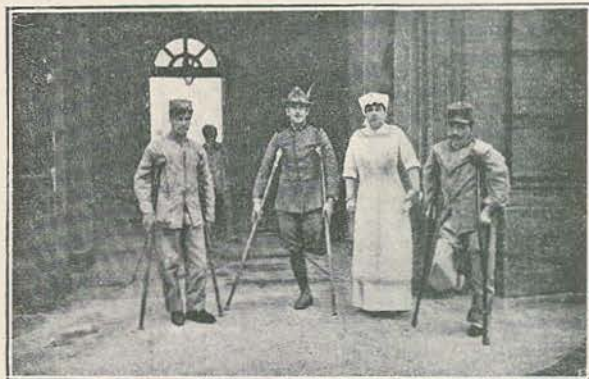


Ao som das gaitas de foles os montanhezes aliuem em grande quantidade e alistam-se com entusiasmo nas fileiras inglesas

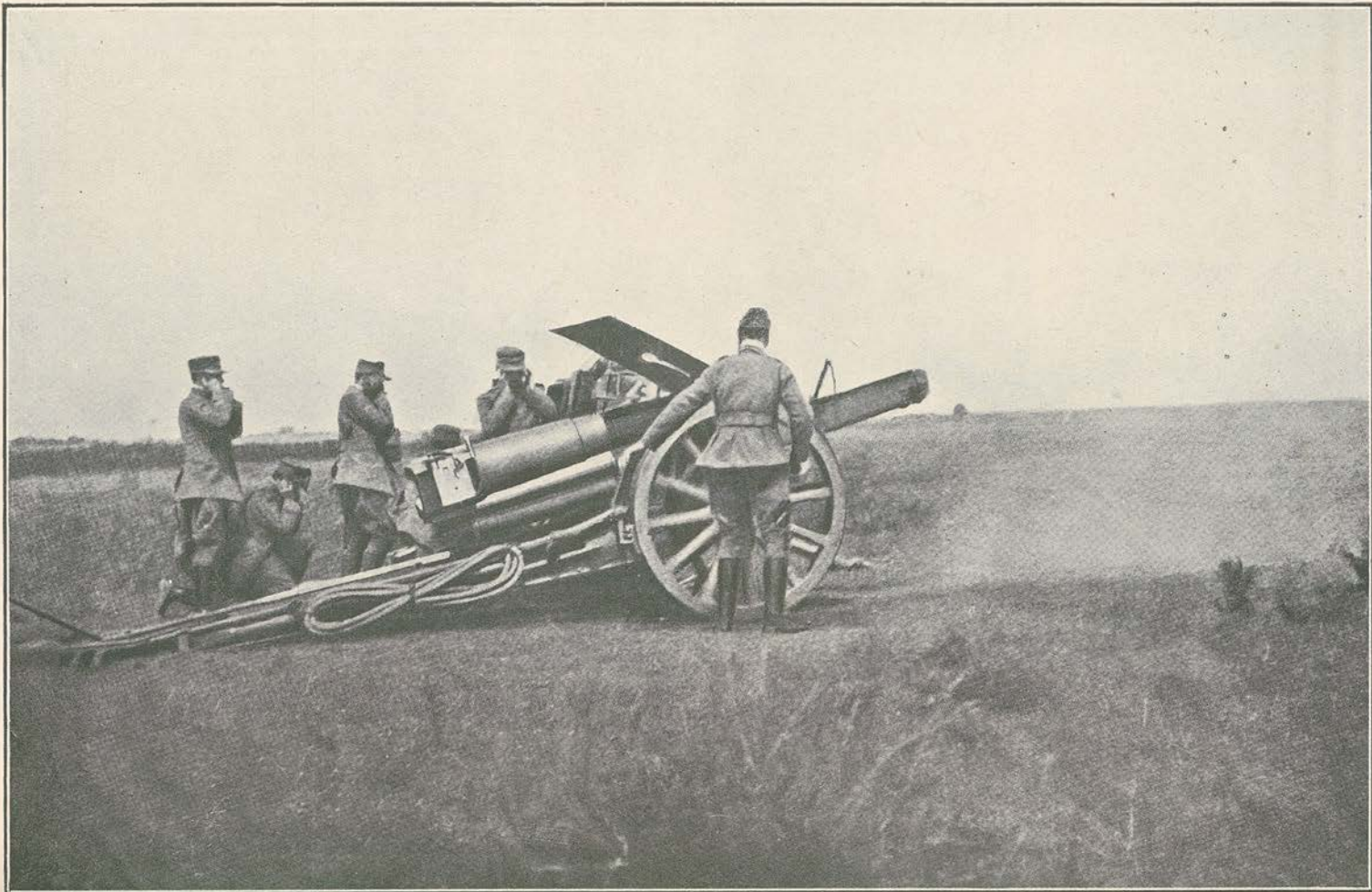


Recordação do *Ancona* torpedeado por um submarino inimigo—(*The Illustrated London News*).

A princesa Letizia enfermeira no castelo de Moncalieri, transformado em hospital



Por iniciativa de S. A. a Princesa Letizia, o castelo de Moncalieri foi transformado em hospital para os soldados feridos na guerra e funciona desde a entrada da Italia no grande conflito. Começou por ter 75 camas, cujo numero agora se eleva a 120, sendo n'ele recebidos somente os soldados mutilados que necessitem aparelhos mecanicos. A princesa estabeleceu-se no castelo para ella propria vigiar os serviços hospitalares. (Illustrazione Italiana).



Um instantâneo da frente da batalha.—Obuz italiano de 149 no momento de fazer fogo.

(Illustrazione Italiana).



Na Galícia.—Soldados alemães mortos por um grosso obus dos russos

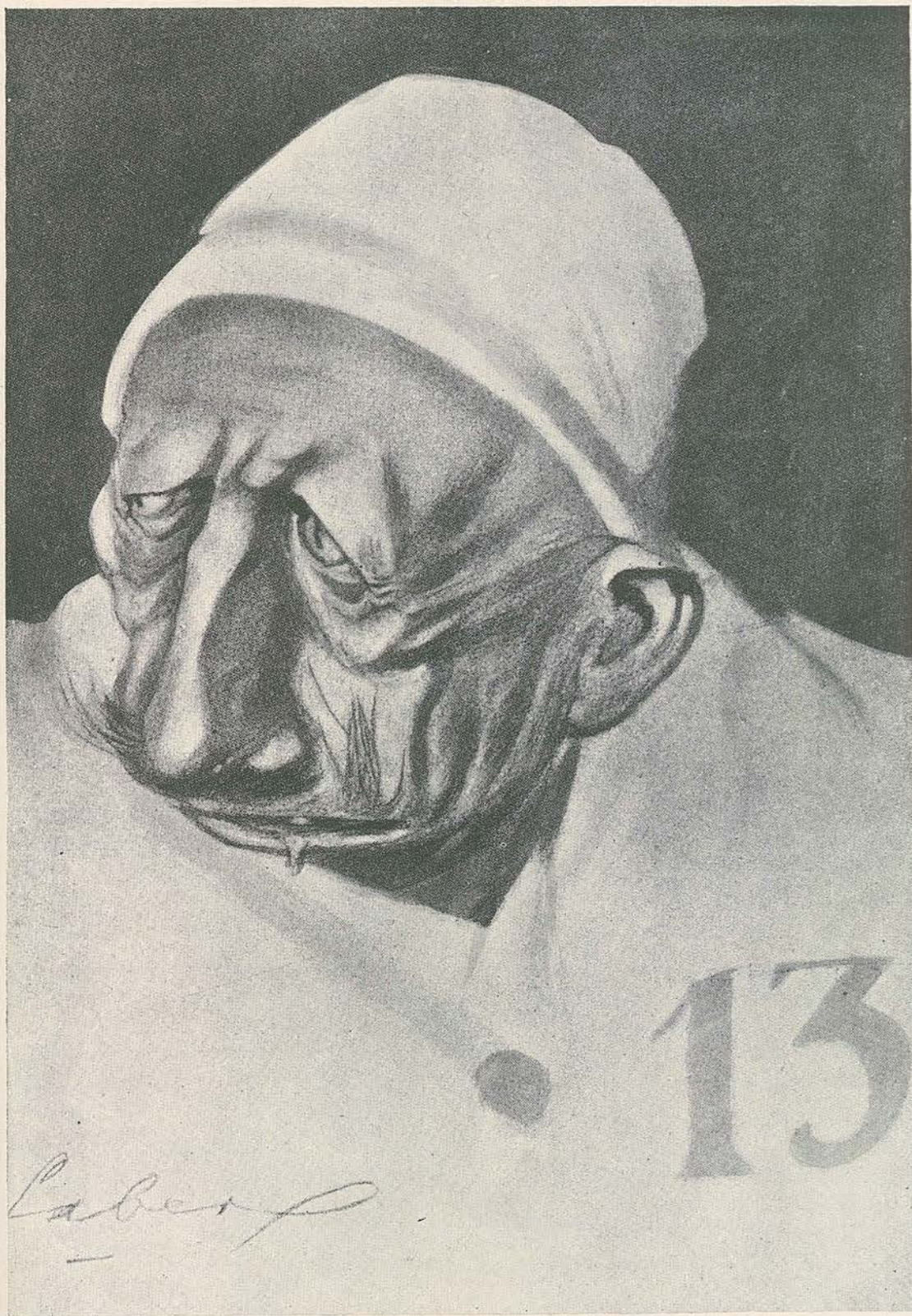


Em Neuville.—Na igreja de S. Nicolau, na capela em parte destruída, depois do ataque do inimigo, um padre soldado abençoa os corpos de dois bravos que foram mortos no decorrer da batalha
(Clichés M. Branger).



Como foi tomada uma das peças alemãs de 77, agora nos Invalidos.

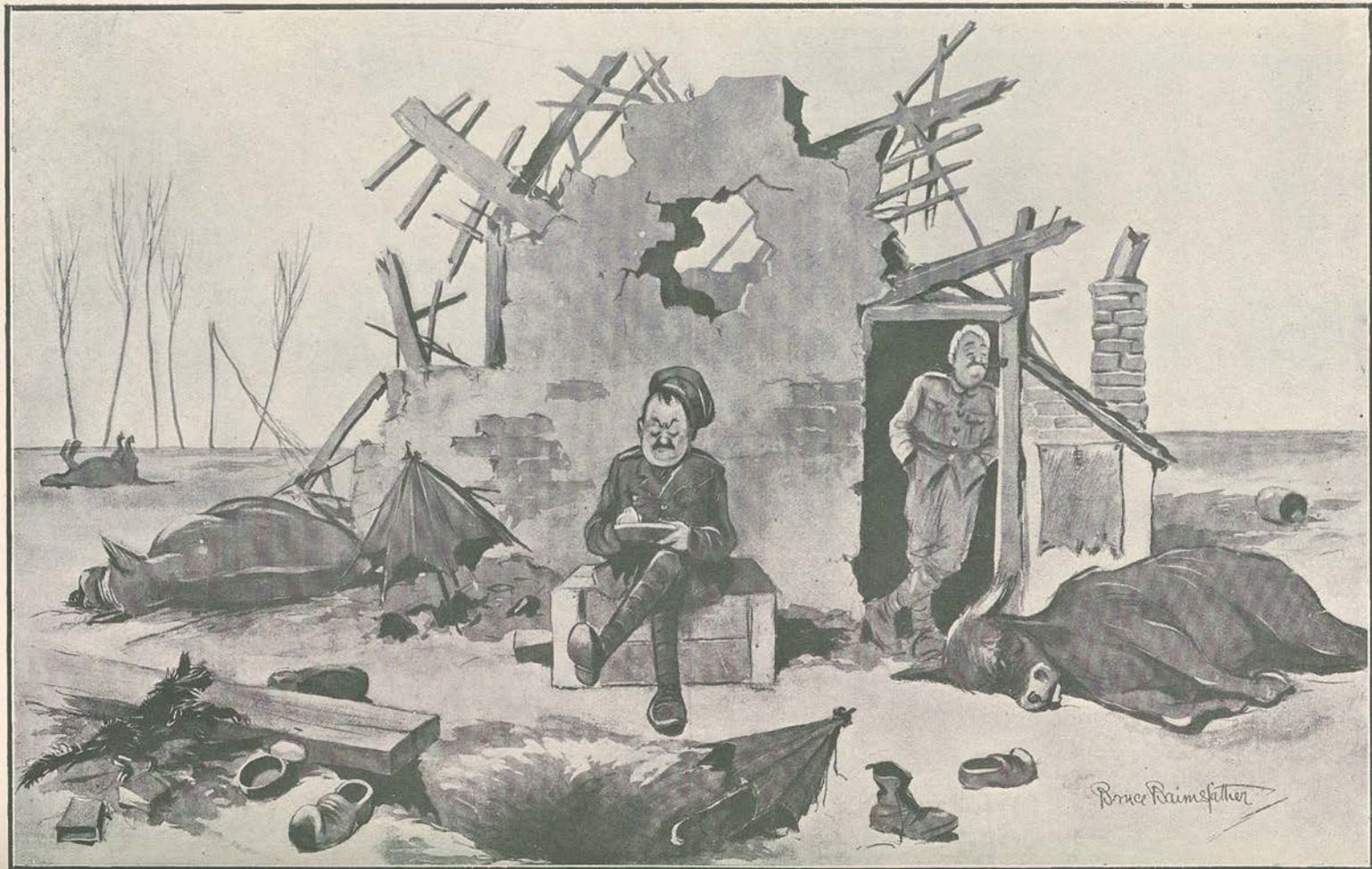
(Desenho de J. Simon, da *L'Illustration*).



UMA CARICATURA EXPRESSIVA

Guilherme, O DEMENTE

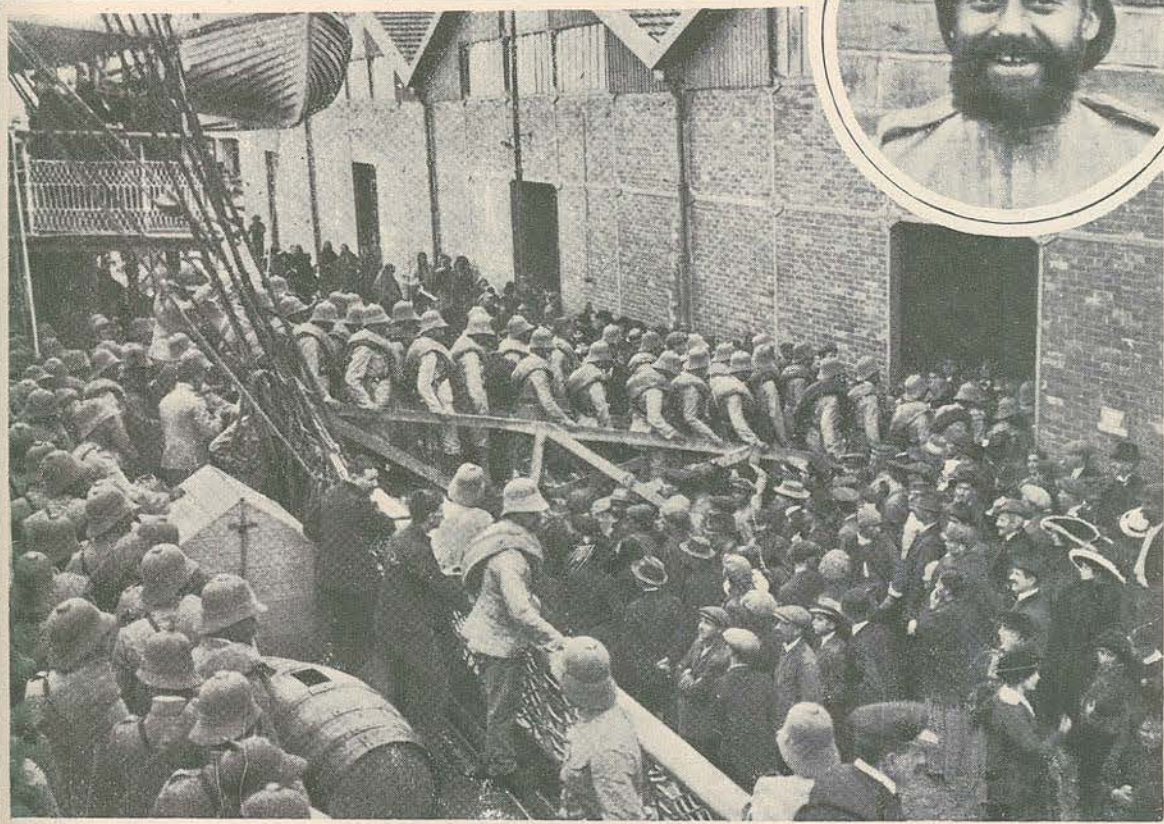
(The Bystander).



FIGURAS E FACTOS



O busto do sr. dr. Teofilo Braga, segundo presidente da Republica, destinado á Camara Municipal de Lisboa, que o encomendou ao distinto escultor sr. Costa Mota. Aos lados, este escultor e o sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente do municipio



2 O sr. Lapas Cusmão, expedicionario á Africa e recator do *Seculo*, que ha poucos dias regressou a Lisboa—3. Os expedicionarios que regressaram d' Africa de embarcando do Zaire—(Clichés Benoiel)

Novo governador civil de Lisboa.— O novo governo escolheu para governador civil de Lisboa o sr. dr. José de Oliveira Costa Gonçalves, auditor do 1.º tribunal militar territorial de Lisboa, um dos mais abalizados juristas consultos da actualidade. A' sua posse assistiram os mais graduados funcionarios da policia e das varias secções do governo civil, e tambem o capitão sr. Maia Pinto, representante do sr. ministro da instru-



O sr. dr. Costa Gonçalves, novo governador civil de Lisboa, com o seu secretario, sr. Alfredo Pinto.—(Clché Benoliel).

ção e o sr. Artur Costa representando o presidente do ministério. O sr. dr. Costa Gonçalves prometeu ocupar o seu lugar unicamente para servir os interesses da Republica, declarando alhear-se de tudo quanto dissesse respeito a politica. O auto da posse foi assinado por todos os presentes, que felicitaram o novo magistrado, tendo-se trocado discursos amistosos.



2. O sr. João Rafael de Carvalho, comerciante em Pombalinho (Santarem), onde faleceu.—3. O sr. José Ferreira Mata, falecido em Lisboa, onde era antigo comerciante.—4. O sr. Antonio Augusto Franco muito estimado em Estremoz, onde faleceu.—5. O sr. José Maria das Neves, funcionario publico da provincia de Moçambique, fale-

cido em Lisboa.—6. O sr. Antonio José da Silva que ha 40 anos exercia o cargo de tesoureiro da camara municipal de Aldegalega, onde faleceu.—7. O sr. Humberto Pereira dos Santos Beirão, antigo secretario da camara municipal de Quelimane, falecido em Lisboa.



Caçadas.— Realizaram-se ha dias em Arronches grandiosas batidas ás perdizes, tendo sido abatidas, 205 peças, 188 perdizes, 6 lebres, 2 coelhos, 2 narcéjas, 4 alibebes, 1 galinhola, 1 cordoniz e 1 alcaravão. Nas batidas tomaram parte algumas das melhores espingardas de Lisboa e do distrito de Portalegre, os srs.: João Daniel Wagner,



8. Grupo de caçadores tendo ao centro o distinto sportman sr. Daniel Wagner.—9. No Cabeço da Gorda (Assomar).—A carinhosa das batidas.—10. Na herdade do Pina.—Grupo de caçadores e bateadores.

Manuel Falcão, João Falcão, Manuel Romão, pintor José Campas, José da Silva Telo Rasquilha, José Agapito Gordo, tenente Torres, dr. Antonio Sampaio, Francisco Picão, Joaquim, Francisco e João Ramão, Francisco José Romão, Francisco Venancio, Antonio Tenorio e outros caçadores da localidade.

Os salvados do cruzador *REPUBLICA*



Subindo a maré. Vinda do pessoal para terra



A água varrendo o convés



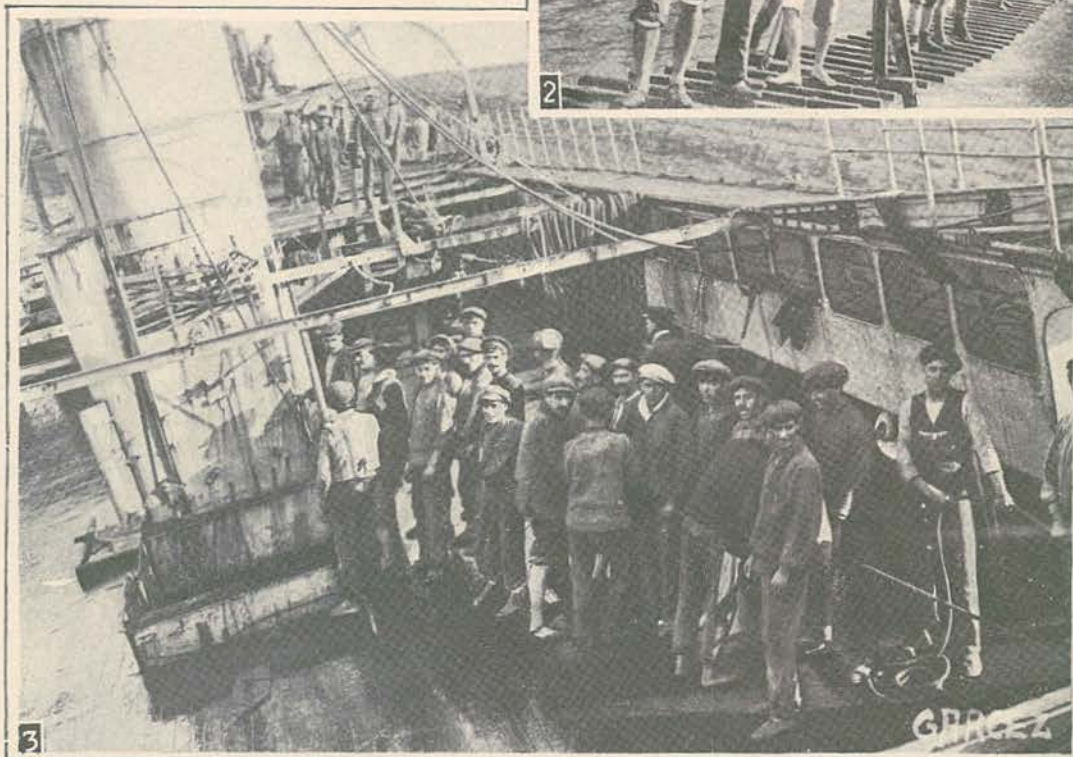
7

1. Uma lingada com salvados

2. A ponte, vendo-se sobre ela o engenheiro sr. Sequeira e a seguir os oficiais srs. Teixeira, Maíra e Santos.



2



3

Trabalhando a bordo

(Clichês do fotógrafo sr. Garcez).

Casamento elegante

Em Barcelos realizou-se o consorcio do sr. Luiz de Matos Graça, distinto aluno da faculdade de direito e natural da Povoia de Varzim, onde é muito estimado, com a sr.^a D. Maria Helena Correia de Almeida Araujo Peixoto, gentilissima dama barcelense. A' cerimonia religiosa, que se realizou no velho solar de «Bem-Feito», pertencente á illustre familia Matos Graça, presidiu o venerando bispo do Porto sr. D. Antonio Barroso, assistindo um seleteo grupo de convidados e as familias dos simpaticos noivos.



1. Solar de «Bem-Feito», em Barcelos—2. Os noivos
(Clichés do distinto fotografo sr. Adelino de Barros, da Povoia de Varzim)

CALDAS DE AREGOS

Não são as Caldas de Aregos um ponto desconhecido para os que viajam em Portu-

querque do rio Douro, sobre uma pequena elevação erguida na falda do Monte de S.



Vista parcial de Aregos

gal, nem ainda menos para os que durante o verão procuram a eficácia das suas termas para a cura dos seus achaques reumaticos.

Aregos já foi vila, mas as conveniências politicas extinguiram o seu concelho em 1855 e hoje pertence á freguezia de Ameade, no concelho de



Chalet Neves



Barco carregado no rio Douro

Rezende. Está situada na margem es-

teira do rio Douro, sobre uma pequena elevação erguida na falda do Monte de S. João e tem a sua estação de caminho de ferro na linha que corre paralela áquele rio.

As suas aguas termas tiveram grande fama nos seculos passados e o seu primeiro balneario foi construido no seculo XIII pela rainha de Castela, Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, de Portugal; mas hoje está em ruinas e as novas edificações não correspondem á fama das aguas, tanto pelo que respeita a captagem das aguas como ás casas, baixas e pouco abrigadas, onde se tomam os banhos, o que não impede que nos mezes de julho a outubro tenham uma enorme concorrência.

O terreno em que as aguas brotam é essencialmente granítico, sendo a terra aravel constituída por sedimen-



1

1. Manejando a espada
2. Ao abandono

tos de formação recente pouco espessos e bastante arenosas.

Aregos é encantadora pelas altas montanhas que a resguardam.



2



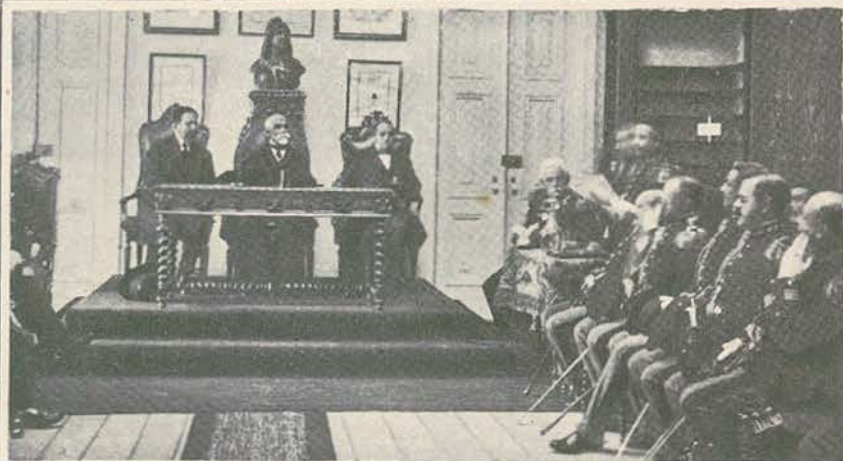
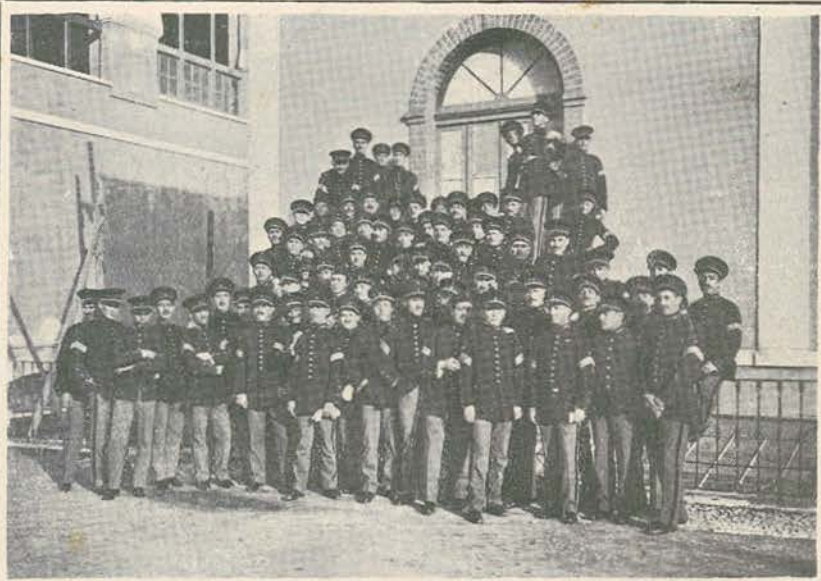
3

Passagem do rápido
(Clíchés da distinta fotografa sr.^a D. Rosa E. Vahia, de Lamego)

ESCOLA DE GUERRA

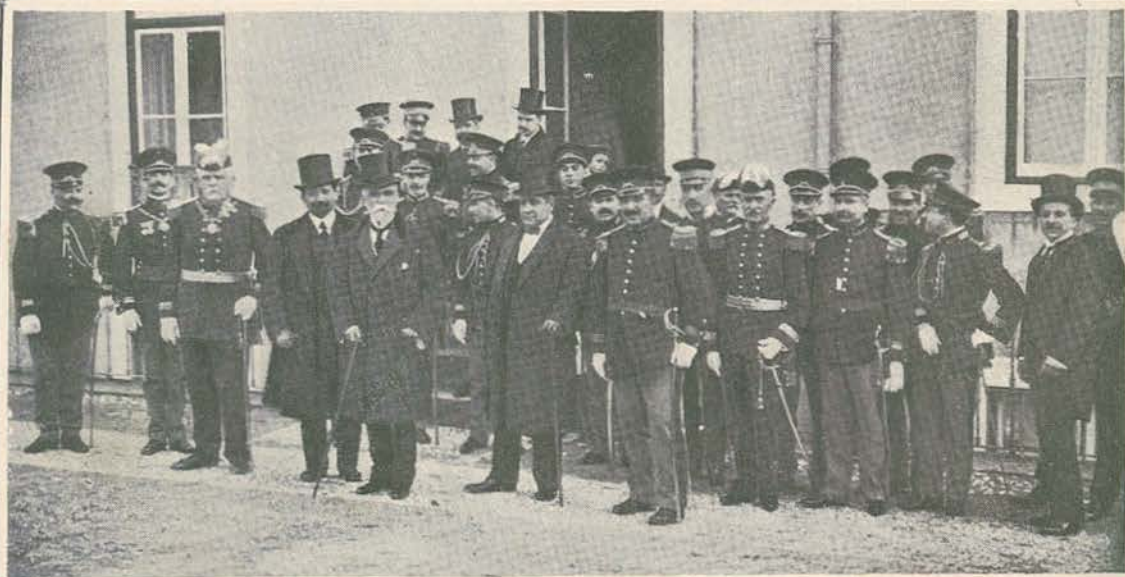
Com toda a solemnidade foi inaugurado o ano letivo na Escola de Guerra, proficientemente dirigida pelo general sr. Moraes Sarmiento. Ao ato assistiram o presidente da Republica, sr. dr. Bernardino Machado, e os srs. dr. Afonso Costa, Norton de Matos e Ferreira Simas, respectivamente presidente do ministerio, ministro da guerra e ministro da instrucção do novo gabinete.

A oração de *Sapientia* foi lida pelo major e professor



da Escola sr. Cabral de Moraes, que demonstrou a utilidade dos campos entrencheados, citando os exemplos dos fortes de Liege e de Namur.

Depois da distribuição de premios aos alunos melhor classificados o sr. presidente da Republica retirou, sendo muito aclamado pelo povo que o aguardava.



Na Escola de Guerra. — 1. Os alunos da Escola de Guerra — 2. O sr. presidente da Republica, ladeado pelos srs. dr. Afonso Costa e Norton de Matos, presidindo á inauguração do ano letivo — 3. Grupo em que se vêem os srs. presidente da Republica, dr. Afonso Costa, Norton de Matos, general Pereira d'Eça, comandante da divisão, general Moraes Sarmiento, diretor da Escola de Guerra e muitos officaes e professores da mesma Escola — (Clichés Benoiel).

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho — Oppressão
 e todas affecções espasmódicas
 das vias respiratorias.
 35 Anos de Bom Exitto. — Medilhas Ouro e Prata.
H. FERRE, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle, 6
PARIS
 E BOAS PHARMACIAS

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO *Socied. anonima respons. limitada*

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção	266.400\$000
Réis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermo (Lousã), Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
 PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
 TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS
PILULAS DIGESTIVAS FOSTER
(Tónico-Laxativas, Anti-Biliosas)

Remedio ideal contra: Somnolencia consecutiva ás comidas; enxaquecas; digestões dificeis; pobreza de sangue; falta de appetite; ondas de calor á cabeça; azia e dores de estomago; bilis; tez amarellada; oppressão e suffocação; palpitações; calafrios; nauseas; prisão de ventre pertinaz; eructações; flatulencia; lingua saburrosa; tonturas de cabeça; manchas deante dos olhos; mãos e pés frios; etc.

As Pilulas Digestivas Foster encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & C^o, Succes.**,
 Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
 CHIROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-



tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

A' VENDA
Almanaque Ilustrado
d'O SECULO
PARA 1916
A' VENDA

NÃO GRITES MAIS

**Já sei
que o**

“UROL”

*é o maior
dissolvente
do
acido urico*



E QUE PORTANTO CURA:

Arthritismo, Rheumatismo, Gota,
Calculos, Obesidade,
Nevralgias, Dyspepsias, Sciatica,
Areias, Arterio-sclerose

PHARMACIA FORMOSINHO

De Adriano Gueiffão Ferreira

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18—LISBOA

Telephone 4220